

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 566	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	5950	5120	15 DE SETEMBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CONDE DE VALENÇAS
(Copia de uma photographia de Mr. Piron)



CHRONICA OCCIDENTAL

Está de lucto a familia real portugueza.

No sabbado 8 do corrente, pelas 7 horas e 40 minutos da manhã, exhalou o seu ultimo suspiro em Stowe House, rodeado de toda a sua familia, o illustre chefe da casa de França, o Rei dos realistas francezes, o neto de Luiz Philippe, o sr. conde de Paris, extremoso e estremecido pae de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

Esta noticia dolorosa, que era de ha muito esperada por toda a gente, foi, por isso mesmo, recebida, por toda a parte quasi que com a satisfação com se acolhe uma boa noticia.

E comprehende-se perfeitamente isso.

A explicação d'essa especie de alivio com que a noticia da morte do conde de Paris foi recebida, está nas proprias palavras que o augusto enfermo, poucas horas antes de morrer, disse a seu irmão, o sr. duque de Chartres, com voz muito debil já, mas ainda bastante nitida e clara:

— *Comme la mort est lente à venir!*

Ha que dias, que semanas que a morte era esperada por todos, até pelo proprio paciente, como epilogo fatal, inevitavel d'aquella terrivel doenca, contra a qual a sciencia se tinha declarado impotente, e ha que dias, ha que semanas que essa morte addiava a sua chegada!

E esse addiamento, que em qualquer outro caso podia representar uma esperança, alimentar ao menos uma illusão, não era, no caso desgraçado do conde de Paris, senão o prolongamento inutil e cruel d'um martyrio doloroso, d'uma dolorosa agonia!

Costuma-se dizer que em quanto ha vida ha esperança.

Ali havia vida, mas não havia esperança para ninguem, nem mesmo para o doente, cujo, espirito cada vez mais lucido não tinha a mais pequena illusão ácerca do seu estado, e que soffrendo as torturas d'esse addiamento, com a resignação d'um santo e a serenidade d'um justo, esperava o ultimo momento, o fim do seu martyrio, como a unica esmola da providencia!

E era assim!

No estado em que estava o conde de Paris, a morte era o unico beneficio, que se lhe podia ambicionar!

E foi por isso que a noticia do fallecimento do conde de Paris foi recebida por toda a parte quasi que com a satisfação que se recebe uma boa nova.

Era a melhor que d'ali podia vir, já que não era dado esperar a noticia d'uma esperança de salvação: era a noticia de ter acabado essa longa dolorosa e inutil agonia, que era o martyrio d'aquelles que assistiam a ella, que foi o assombro de todos que a seguiam de longe!

* * *

Dissemos inutil agonia, e não dissemos bem.

Não ha nada inutil n'este mundo, e a agonia do conde de Paris teve a utilidade de mostrar bem, n'esse momento supremo e terrivel, ao mundo inteiro, a serenidade, a coragem, a bondade d'aquella grande alma, a grandeza d'aquelle lucido espirito.

Por isso todos, amigos e adversarios, se descobriram respeitosa e deante do leito mortuario do principe exilado, a quem a bella e corajosa serenidade na morte, contribuiu mais que toda a sua agitada vida, para lhe dar vulto na historia, como d'elle disse um dos mais brilhantes escriptores modernos da França.

A cada passo que dava para o tumulo, a figura do conde de Paris tomava proporções colossaes, e quanto mais se aproximava da morte mais aquelle vulto se agigantava!

Dir-se ia que a vida á medida que ia fugindo do corpo se lhe ia concentrando no cerebro.

As suas palavras dos derradeiros dias tinham alguma coisa de extranho, d'illuminado, de sobrenatural, como que aureoladas já pela grande eterna luz em que o seu espirito ia immergir!

* * *

O conde de Paris morreu rodeado de toda a sua familia, á excepção d'um seu sobrinho, o duque d'Orleans Henrique, em viagem d'estudo em Madagascar e que avisado por telegramma da ago-

nia de seu tio, que particularmente lhe queria, e que muitas vezes nos seus ultimos dias fallava n'elle, deve vir já caminho da Europa. Morreu como um justo e como um honrado e extremo chefe de familia que era, na mais alta e grandiosa aceção da palavra!

E sob este ponto de vista morreu feliz, apesar de morrer no exilio; morreu feliz como feliz viveu como chefe de familia, esse honrado e grande homem que para ser completamente feliz, no mundo, como diz Henri Lavedan, só lhe faltava o não ter nascido nos degraus d'um throno!

E para todos que o cercavam nos seus ultimos momentos, — ultimos momentos que duraram semanas! — o conde de Paris tinha uma palavra d'affecto, de ternura, d'agradecimento, de conselho e morreu legando aos seus filhos uma maxima profunda e santa, colhida na sua larga pratica dos dissabores do mundo e das alegrias do lar: «Sejam sempre amigos e unidos porque as familias unidas é que são as familias felizes!»

* * *

Como aqui dissemos na nossa ultima chronica, Sua Magestade a Rainha a sr.^a D. Amelia partiu nos ultimos dias do mez passado para Stowe-House, para ir ver seu pae, e ali lhe assistiu como filha estremosissima que é, aos seus ultimos momentos.

A rainha, que de Lisboa tinha partido profundamente e visivelmente commovida, — porque no seu coração de filha tinha já o deloroso presentimento do lugubre drama a que ia assistir! — tencionava partir de Stowe-House para Lisboa no dia 3 do corrente.

Como o estado de seu pae se ia agravando extraordinariamente de dia para dia, fazendo prevêr inevitavel o seu proximo fim, Sua Magestade, addiou a sua partida.

Apesar de estar já quasi agonisante o conde de Paris não lhe passou despercebido esse addiamento, e comprehendeu perfeitamente com a lucidez do seu espirito e a consciencia nitida do seu estado, o que o motivára, e no dia 3 de setembro, quando a Rainha de Portugal o foi beijar pela manhã, o illustre enfermo perguntou-lhe:

— Em que dia do mez estamos nós hoje, minha filha?

— Hoje são 3 de setembro respondeu-lhe Sua Magestade.

— Tres? Então é hoje que voltas para Portugal?

— Fazia tenção mas não vou ainda, disse a Rainha.

E depois tratou logo de explicar o motivo do addiamento da sua partida.

— Como estão cá todos os meus tios e primos, e não os via ha muito tempo, não quero ir embora agora no momento em que elles chegam.

— Vamos, minha filha, tornou logo sorrindo o conde de Paris, para que estás com rodeios? Dize a verdade! Queres-te demorar para me acompanhares até ao meu proximo fim. Fazes bem eu agradeço-t'o muito!

* * *

O conde de Paris era novo ainda. Tinha apenas 56 annos pois nascera em 24 d'agosto de 1838. Era filho do principe Fernando d'Orleans e da princeza de Mecklemburgo. Casou em Kingstow em 30 de maio de 1864, com a princeza D. Izabel, filha dos duques de Montpensier. D'esse casamento teve seis filhos: — a princeza Amelia Luiza Helena, nascida em 28 de setembro de 1865, hoje Rainha de Portugal — o principe Luiz Philippe, duque d'Orleans nascido em 1869 — a princeza Helena, nascida em 1871, a princeza Maria Izabel, nascida em 1878, a princeza Luiza, nascida em 1882 e o principe Fernando, nascido em 1884.

O conde de Paris foi educado por um illustre sabio francez, Adolpho Regnier, educação que completou com umas viagens pela Europa, America e Oriente. Era um homem de muita e solida instrução e como escriptor o conde de Paris deixou muitas obras que attestam o seu notavel talento.

Em 1883, pela morte do conde de Chambord, o conde de Paris ficou sendo o chefe do partido realista francez, pesado cargo que por sua morte cabia a seu filho o sr. duque d'Orleans, com quem nos ultimos dias da sua vida e mesmo já quasi agonisante, teve repetidas conferencias, preparando-lhe o espirito para bem desempenhar a alta missão que lhe ia ser confiada, dando-lhe as suas instruções, indicando-lhe o caminho a seguir.

A sua ultima conferencia durou meia hora e fin-

da ella, o conde de Paris já quasi entrado em agonia, abraçou seu filho, e abençoou-o dizendo-lhe: — Adieu! Va, et marche toujours droit!

* * *

Não pensamos de modo algum em fazer aqui a biographia do sr. conde de Paris, biographia tão complexa e que tanto tem que fazer, queremos apenas registrar como é nosso dever a morte d'esse illustre principe, já por ser o chefe da casa real de França, já por ser pae estremecido da augusta soberana de Portugal que ainda ha 8 annos era uma estrangeira para nós, e que hoje é a primeira das portuguezas, e por todos os portuguezes adorada.

E por isso nós todos portuguezes nos associamos compungidos á profunda dôr que n'este momento punge a augusta filha do sr. conde de Paris e nos associamos ao lucto que cobre a familia real portugueza.

* * *



MARINO MANCINELLI

No domingo, 4 do corrente, o telegrapho trouxe nos do Brazil uma noticia que nos surpreendeu dolorosamente a todos — a noticia do suicidio d'um artista muito illustre, muito conhecido, muito applaudido e muito estimado em Portugal — o maestro Marino Mancinelli.

O maestro Mancinelli era um dos maestros mais distinctos que havia actualmente no mundo lyrico e o que mais sympathias e mais admiradores contava em Portugal.

Quem o trouxe pela primeira vez a Lisboa foi o fallecido empresario de S. Carlos o sr. Campos Valdez, e o seu successo foi logo enorme na primeira opera que ensaiou e regeu em S. Carlos.

Depois de Dalmay e Kuon não tinha vindo ao nosso theatro maestro como Mancinelli, e d'ahi o elle ser reconduzido todas as epochas e de cada vez com mais successo.

A ultima vez que cá esteve foi em 1891, quando falliu a empresa dos herdeiros de Campos Valdez e d'ahi para cá, a sua recordação gloriosa tem feito com que nenhum dos maestros regentes que tem vindo para S. Carlos tenham conseguido agradar.

Fallava-se muito d'elle agora, para a proxima epocha de S. Carlos e até se dizia que o sr. Freitas Brito partira para o Rio de Janeiro com tenção d'ahi o escripturar.

Dizia-se tambem, por outro lado, que Mancinelli, que estava agora no Brazil empresario juntamente com a prima donna Gabbi, viria a Lisboa no inverno, com a sua companhia, dar uma serie de representações no theatro D. Amelia.

A noticia da inesperada morte de Mancinelli veio desmanchar todos esses boatos.

Faltam ainda promotores ácerca do suicidio do illustre maestro, sendo porém geralmente attribuido esse suicidio a desastres financeiros.

Effectivamente sabia-se ha tempo em Lisboa, por noticias vindas do Rio, que a empreza Mancinelli e Gabbi estava luctando com grandes difficuldades financeiras e d'ahi o attribuir-se a essas difficuldades a causa do seu suicidio.

Marino Mancinelli era um homem novo ainda, e não se limitava a ser um maestro excellente, era um musico notabilissimo em toda a accepção da palavra e um compositor distincto.

Uma opera d'elle, a *Estatua*, se a memoria nos não attraçoa, esteve por varias vezes para ser representada em Lisboa. Mancinelli escreveu entre nós musica para uma *farça* portugueza, que em 1891 se representou uma unica noite no theatro da Rua dos Condes em beneficio da Creche de Santa Eulalia, o *Zé Patonso*, farça n'um acto, escripta por D. João da Camara, Lopes de Mendonça e a pessoa que escreve estas linhas, e representada deliciosamente pela grande cantora Helena Theodorini, que pela primeira e unica vez representou e cantou em portuguez, fazendo um papel de lavradeira, Jesuina, a pobre Amelia da Silveira, Taborda, Valle, o desgraçado Dias, João Rosa e Augusto de Mello. N'essa farça a Theodorini cantava uma esplendida ballada, *Por bem*, letra de Lopes de Mendonça, cuja musica fora escripta expressamente por Mancinelli, que chegou a ensaiar a ao piano, mas que não assistiu á apresentação da peça, por n'esse mesmo dia, pela manhã, ter que partir para Italia. Era um bello trecho de musica, que a Theodorini cantava primorosamente e que agradou immenso.

Mancinelli metteu em scena e regeu em S. Carlos com particular disvello algumas operas portuguezas: os *Dorians*, de Augusto Machado, a *Dona Branca*, de Alfredo Keil e o *Fr. Luiz de Sousa* de Freitas Gazul.

Paz á memoria do illustre e glorioso artista.

Gervasio Lobato.

CONDE DE VALENÇAS

(NO DIA DOS SEUS ANNOS)

Nada mais grato para nós do que saudar n'este dia ao nosso illustre amigo e redactor do OCCIDENTE, o sr. conde de Valenças, levando á sua festa de familia o sincero preito da nossa amizade e gratidão, expressas n'estas paginas, que elle tantas vezes tem honrado e abrilhantado com os seus escriptos, e que hoje se honram tambem com o retrato que o sr. conde tirou, na sua recente viagem a Paris e á Suissa, e com o qual a sua muita amizade nos quiz brindar, dando-nos uma prova de que a nossa gravura é copia.

Que o nosso querido amigo nos releve da indiscripção que commetemos; mas não encontramos outro meio, de publicamente manifestar o nosso reconhecimento, a quem tanto se tem interessado por este periodico, dispensando-lhe as maiores finezas, de que são prova os excellentes artigos, aqui publicados, devidos á sua penna, e que bem mostram a vasta erudição, elevado criterio, e provado talento do seu auctor.

Acode-nos lembrar o seu notavel trabalho, a pag. 197 do vol. XI do OCCIDENTE, acerca da *Organização do ensino industrial*; notavel porque, além da elegancia e primôr da escripta, se recomenda pela licção proficiente, provas e documentos que o acompanham, colligidos pelo illustre escriptor, bem informado certamente, no exame dos factos e experiencia das nossas coisas, de quanto aquelle ensino deveria ser essencialmente pratico, sem descuidar a theorica. As escolas de Victorino Damazio, lá o diz o sr. conde de Valenças, são um exemplo frisante que devia ser aproveitado e seguido; e para o demonstrar apresenta a extensa lista dos artifices que vieram d'aquellas escolas, todos de experimentada competencia.

É, em verdade, um estudo completo n'esta materia como não conhecemos outro em Portugal.

Não esqueceremos tambem a honra que dispensou ao OCCIDENTE, permitindo que publicasse, antes de impressa em tomo e no relatório das actas e discussões do Congresso Juridico de Madrid, a importante memoria sobre *Arbitragem Internacional*, que apresentou áquelle congresso, e ali defendeu de modo brilhante, em 1892, representando o nosso paiz dignamente, e affirmando

no meio d'aquella assembléa de sabios de todos os paizes, os superiores dotes oratorios, que já conheciamos da sua vida academica e parlamentar, pelo livro *Discursos politicos e litterarios*, que publicou em 1890.

Esta notavel memoria, para a feitura da qual teve de compulsar os antigos codices e os mais modernos livros de legislação e do direito publico dos povos, escreveu-a o sr. conde de Valenças em dois mezes, que tanto foi o tempo concedido pelo programma do congresso. Foi este valioso trabalho que, por mercê especial do seu auctor ao nosso periodico, os leitores do OCCIDENTE poderam ler antes que apparecesse em livro.

Além d'estes escriptos de largo folego, outros estudos litterarios e de critica tem publicado o OCCIDENTE, devidos á penna d'este nosso illustre confrade, e que se recommendam tanto pela original elegancia do seu estylo colorido, vivo e sentimental, como pelas informações e licção que n'elles se aprende.

Lembraremos o conceituoso artigo sobre o fallecido monarcha Senhor D. Luiz I; o de D. Henrique o Navegador, publicado ainda ha pouco em o n.º 548 do OCCIDENTE commemorativo do centenário Henriquino; o estudo biographico-critico acerca do nosso festejado poeta e academico Bulhão Pato; aquelle a respeito do eminente constista hespanhol D. Antonio de Trueba; um outro sobre o grande lyrico D. José Zorrilla, ha pouco fallecido; um tambem contando do celebre poeta inglez Byron, e tantos outros de mais ligeiro estylo, mas sempre rendilhado e primoroso, taes como o da *Puerta del Sol de Madrid*, e o de *Romanillo*, delicada e graciosa monographia de um typo muito portuguez e que só vive agora, na lembrança de quem ainda o conheceu.

Todos estes escriptos publicados no OCCIDENTE são para nós outros tantos motivos para agradecimentos ao illustre amigo e redactor d'esta folha, compondo de suas proprias flôres a offerta que hoje lhe fazemos, como tributo da nossa admiração pelo seu talento, e preito da nossa sincera amizade, que mais não temos que lhe offertar.

Outros fallarão da sua gloriosa carreira academica, desde os bancos da Universidade, onde aos 25 annos alcançava, em concurso publico, a cadeira de professor de direito, até á Academia Real das Sciencias de Lisboa, para onde entrou em 1886, levando farta bagagem litteraria nas seguintes obras que apresentou: *Estudos sobre organização judicial*; *A liberdade testamentaria*; *As magistraturas populares*; *Uma pagina da historia economica de Portugal*; *A instrução primaria no municipio de Lisboa*; *O tumulo de Gambetta em Nice*, etc.; outros dirão das commissões, em serviço publico, que tem desempenhado: — a de secretario servindo de governador civil, na provincia do Algarve, em 1871, e a de vereador e vice-presidente da camara municipal de Lisboa onde, em 1877, organizou os serviços da instrução primaria, apresentando larga e bem fundamentada reforma que desde logo requeria para as escolas os exercicios militares com instructores do exercito, dirigindo assim a educação das gerações novas para a melhor defeza futura do paiz; disposição esta que vemos igualmente na proposta de lei apresentada pelo sr. conde de Valenças, no parlamento, em 1882; outros o seguirão na camara dos deputados e na dos pares, onde, par electivo, pronunciou, em 1889, aquelle notavel discurso sobre agricultura que durou duas sessões consecutivas, sempre com agrado e applauso da camara; outros fallarão ainda do seu coração magnanimo, de sua philantropia, manifestada em tantos rasgos de caridade, uns que se occultam, outros que pela sua natureza, são do dominio de todos, como essa santa instituição dos Albergues Nocturnos, fundada por El rei D. Luiz I de saudosa memoria, mas que no sr. conde de Valenças encontrou a maior dedicação, auxiliando-a com donativos e trabalho incançavel, affirmado nos relatorios annuaes d'aquelle estabelecimento, que são verdadeiros modelos no genero, e fornecem, com a estatistica e com a critica dos factos, valioso subsidio para o estudo do melhoramento das classes proletarias; outros apreciarão emfim o chefe de familia exemplar, em quem sobram qualidades pouco vulgares e para quem os deveres são obrigações, retribuidas com prodigalidade pela inexcidível dedicação de sua virtuosa esposa a sr.ª condessa de Valenças e de seus estremeçidos filhos; e não seria muito que aqui nos alargassemos, n'esta festa de familia, mas outros melhor do que nós o dirão, que o nosso proposito foi prestar esta singela homenagem a um dos redactores mais effectivos do OCCIDENTE, e a um dos amigos a quem mais queremos.

Caetano Alberto.



AS NOSSAS GRAVURAS

UNIVERSIDADE DE EVORA

A SALA DOS ACTOS

De todos os collegios estabelecidos pelos jesuitas, em Portugal, o de Evora foi o mais grandioso.

Este edificio, fundado pelo cardeal D. Henrique para seminario do arcebispado d'Evora, foi depois pelo seu fundador doado á companhia de Jesus, elevando o collegio á cathogoria de Universidade para o que alcançou do Papa a bula da instituição datada de 18 de setembro de 1558.

Foi para os actos d'esta universidade que o cardeal D. Henrique mandou construir a grande sala, de que a nossa gravura, copia de uma photographia, mostra a fachada.

Como se vê, é esta fachada de puro estylo renascença, onde apparecem as estatuas symbolicas, como as que decoram o frontão, allusivas ao Cardeal-Rei que fundou aquella casa, empunhando a estatua da direita uma lança e a da esquerda um baculo.

Além d'esta grande sala, hoje em ruina mascarada com o bello frontispicio que ainda apresenta, mandou o mesmo cardal traçar e construir o claustro e pateo da universidade, obra grandiosa, no mesmo estylo que o da fachada.

A fundação d'esta universidade teve forte opposição da univarsidade de Coimbra, e só depois da morte de D. João III, é que teve effecto, quando o cardeal D. Henrique entrou no governo do reino.

Gloriosos fastos tem esta universidade, tanto nos sabios professores que teve e distinctos discipulos que passaram pelas suas geraes, como pela parte importante que tomou nas luctas da independência da patria contra o jugo castelhano.

É pena que tão bello edificio esteja cahido em ruinas, quando podia ainda ser aproveitado com utilidade para as funcções escolares, se lhe fizessem algumas obras, não muito dispendiosas.

ILHA DA MADEIRA

A PONTA DE S. LOURENÇO E O ILHEU

O archipelago da Madeira, cuja ilha principal tem o mesmo nome, está no Oceano Atlantico, fronteiro á Costa de Marrocos, e, segundo a carta de Vidal, situado entre os parallelos 33.º 7', 50" e 32.º 22', 20" latitude norte, e entre os meridianos 16.º 16', 30", e 17.º 16', 38", longitude occidental de Greenwich.

Mede uma extensão de 32 milhas geographicas desde a Ponta de S. Lourenço até á Ponta do Parago, e 12 milhas desde a Ponta da Cruz até á Ponta de S. Jorge.

Este archipelago compõe-se das ilhas da Madeira, Porto Santo, Desertas, Selvagens e nove ilheus principaes a saber: Ilheu do Porto da Cruz, Ilheu de Fóra, Ilheu da Pontinha, Ilheu do Gorgulho, Ilheu do Rabaçal, Ilheu do Porto Moniz, Ilheu da Ribeira da Janella, Ilheu de S. Jorge e Ilheu do Fayal.

Cinco são as bahias: a de Machico, a de Santa Cruz, a do Funchal, a de Camara de Lobos e do Porto de Moniz, tendo tambem tres enseadas a dos Reis Magos, a do Garajão e a do Logar de Baixo. Os seus portos principaes são dezoito sendo os melhores: Machico, Funchal, Camara de Lobos, Porto do Moniz; os de segunda ordem: Seixo, Santa Cruz, Porto Novo, Reis Magos, Campanario, Ribeira Brava, Ponta do Sal, e os de terceira ordem: Lage, Ponta Delgada, S. Jorge, e Fayal.

As bellezas da costa d'esta ilha são inexcidíveis, para os que a nam toda a grandeza do bello manifestado na propria natureza. A disposição dos rochedos ora formando cavernas, ora cingindo lagos, ora destacando-se da costa e surgindo d'entre as vagas como marcos milliares, onde as aves esvoassam em volta e as ondas se quebram levantando montanhas de alva espuma, são para ver e admirar.

A Ponta de S. Lourenço, no extremo leste da ilha, que a nossa gravura representa, mostra bem as bellezas a que acabamos de nos referir.

O mesmo dizemos do Ilheu, sentinella avançada da Ponta de S. Lourenço, e que é um ponto de defeza da ilha, a joia mais preciosa de Portugal dispersa do meio do Oceano Atlantico.

¹Vid. pag. 283 do vol. XV e pag. 7 a 47 do vol. XVI.

SILVEIRA DA MOTA

(Conclusão)

III

Silveira da Mota appareceu um dia no fertil campo da litteratura com um pequeno livro na mão; e logo todos notaram que o já distincto escriptor não vinha alli armar barraca. Por estas palavras quero dizer que de modo algum pretendia converter em feira essa nobre e magica estancia em que vagueiam na serenidade da gloria sombras immortaes, como as de Homero e de Virgilio, de Platão e de Tacito, de Dante e de Camões. O caso

o apaixonado empenho de escrever unicamente livros optimos. Outros escriptores, embora de grande merito, são faceis em atulhar as livrarias de obras de muito preço, e comtudo de pouca valia.

Porque olhem, senhores, que ha quem faça quantidade de volumes como quem faz quantidade de pregos ou de barretes, mais para ganhar dinheiro do que para ganhar fama, com quanto esta seja elemento indispensavel da prosperidade de todas as industrias. Mas, como ha o falso Deus e o verdadeiro, em que fala o nosso epico, ha tambem n'este incessante vae-vem da humanidade a falsa e a verdadeira gloria. Baixando a comparação mais ao nivel, ou antes ao razo das cou-

rosto e entre os dizeres do rosto, a seguinte apreciação d'aquelle livro, tanto mais digna de verdadeiro apreço quanto é manifesto que exprime o sincero e intimo pensar do illustre romancista, que n'essa occasião não via deante da sua banca o publico numerozo dos seus leitores, nem de certo pensava n'elles.

Eis o que se lê. escripto por seu punho, no exemplar dos *Quadros* que foi vendido em Lisboa no leilão da livraria de Camillo Castello Branco:

«Os creditos d'este livro não assentam na approvação que o introduziu nas escolas pela porta franqueada a outros livros que não parecem serios. Silveira da Mota, quando escreveu estes



UNIVERSIDADE DE EVORA — FACHADA DA SALA DOS ACTOS

(Copia de uma photographia)

era mui diverso, porque o seu proposito tambem o era: — volver os olhos para as velhas glorias da patria, e invocar as recordações do passado que em todos nós alimentam a esperanza de que este paiz ainda se ha de assignalar antes de cahir para sempre no largo jazigo das nações que morrem.

Tratava o seu livro de alguns successos memoraveis da nossa historia, de grandes feitos e de grandes homens; falava na tomada de Ceuta e no primeiro cerco de Diu, em Vasco da Gama e D. João II; em summa, era um livro grave, serio, util, e em tudo e por tudo excellente. D'então para cá, e ha já bastantes annos, Silveira da Mota, envolvido nos trabalhos e luctas da politica, só publicou mais dois volumes, o que faz ainda suppor, conhecida a riqueza das suas faculdades e a vastidão dos seus conhecimentos, que elle teve sempre

sas prosaicas da labutação dos nossos dias, direi ainda que, assim como ha as marcas legitimas das fabricas acreditadas, ha tambem os annuncios pomposos de productos de apparente brilho, e de pouco valor. E estes, que não resultam do trabalho perseverante da intelligencia nem do esforço tenaz da vontade, dão por via de regra lucros muito avultados aos aventureiros de má morte, que, se durante certo tempo tomam ares de principes, veem por fim a acabar como a triste ave da fabula, ridiculamente enfeitada com as pennas do pavão.

Ora, enquanto o livro de Silveira da Mota, que era o dos *Quadros de Historia Portugueza*, deleitava o fino paladar dos que sabem apreciar as galas e louçanias da nossa opulenta linguagem, e começava de ser com razão adoptado para estudo nas escolas, Camillo Castello Branco, no silencio do seu gabinete, escrevia a lapis, no verso do ante-

Quadros, contrahiu com o publico a fobrigação tacita de escrever historia mais volumosa, menos de escola. O seu estylo historico, amoldado pelas formas graves e correctas de A. Herculano, parecia destinado a continual-o. Não só na linguagem mas ainda no processo se identificam. Silveira da Mota estuda a historia no systema das instituições mais que nos costumes, e na physionomia moral syntethicamente. Esse é, com effeito, o mais comprehensivel methodo para quem estuda; o outro, o inductivo dos factos, o modernissimo, deve ser o complemento da sciencia historica. Raro temos visto exposição mais lucida, e graças á concisão do estylo tamanha habilidade em condensar grandes quadros em poucas paginas.»

São tão conhecidos os *Quadros de Historia Portugueza* que não requerem demorado exame. Bastará por isso dizer que abrangem o longo periodo

da nossa historia comprehendido entre a fundação da monarchia e a morte do cardeal-rei, e que o quadro das *Victorias de Duarte Pacheco* póde citar-se como um dos que, talvez, melhor exprime a perfeição da arte de escrever. N'elle, com effeito, se nota a firmeza de raciocinio que entre a confusão dos acontecimentos descobre o seu fio conductor, a verdade da historia; a intuição que, para assim dizermos, patenteia aos olhos reconcentrados do pensador os factos como elles na realidade passaram; e, finalmente, a sentimentalidade poetica, que imprime nas eras, ainda as mais remotas, o seu toque peculiar, da mesma sorte que a mão do tempo tinge os velhos monumentos com a côr propria, esse amarello embaciado ou fosco, que é o enlevo do antiquario imaginoso e scismador.

A esse livro seguiu-se em 1880 o das *Horas de Repouso*, assim denominado por quasi todas as suas paginas terem sido escriptas n'algumas d'essas horas em que, como diz o auctor, as convicções profundas ou as inspirações subitas sempre nos trazem a paz, o contentamento, a bonança, e ás vezes como que um relampago de felicidade. Tal era a rasão do titulo. O fim d'esta publicação foi apresentar alguns modelos de critica justa, sincera e imparcial, e protestar contra o desprezo mesquinho e esterilizador com que «os raros homens que entre nós teem o habito de ler se enfastiam das obras portuguezas, não porque ellas valham sempre menos do que as extranhas, mas porque affeitos á leitura quasi exclusiva dos livros francezes costumaram-se a certa ordem e disposição de idéas, e repugna-lhes quanto vae fóra do trilho a que se habituaram.»

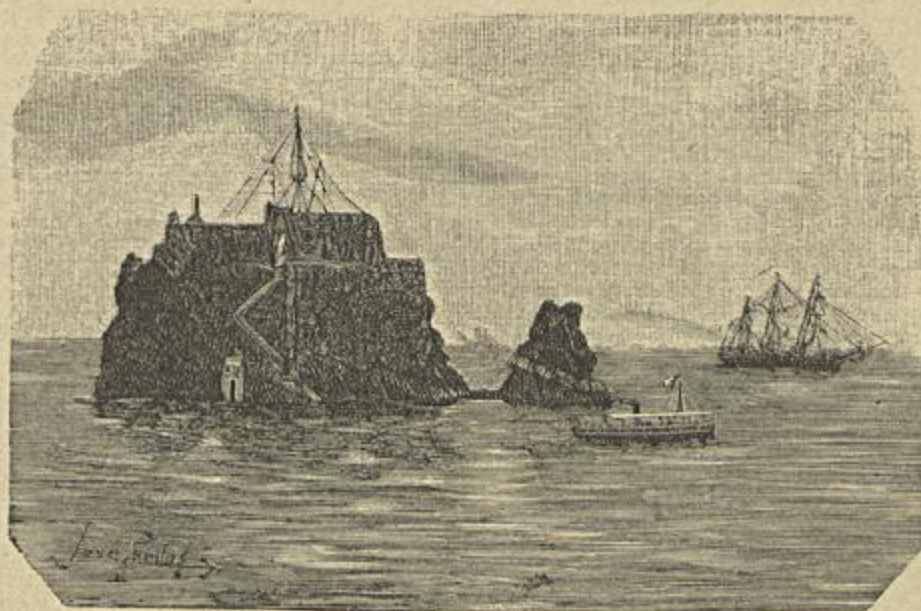
Trata este livro dos assumptos mais variados, como são, por exemplo, o *Elogio Historico do Barão de Humboldt*, por Latino Coelho, e os *Estudos de Administração*, do sr. Lobo d'Avila, a *Historia da Inquisição*, de Alexandre Herculano, e *Dante e a Divina Comedia*, por José Silvestre Ribeiro, as *Novellas do Minho*, de Camillo Castello Branco, e o

bello livro de Bulhão Pato, *Sob os Cyprestes*. Na maneira de os tratar a todos observa-se a mesma firmeza e rectidão de juizo, não se poupando nunca o auctor a censuras moderadas, quando as considera procedentes. E por todas essas paginas, cujos pensamentos revelam sempre a poderosa individualidade do auctor, corre sempre com a mesma

facilidade, alteza de conceitos e opulencia de locuções a penna esmerada de Silveira da Mota, cuja predileção pelos assumptos historicos é visível.

O estylo, como o dos *Quadros*, é amplo, terso e nobre; sempre absolutamente vernaculo.

Não terminarei esta ligeira noticia das *Horas de*



ILHA DA MADEIRA — O ILHEU

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)



ILHA DA MADEIRA — A PONTA DE S. LOURENÇO

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

Reposo sem dar aos leitores do OCCIDENTE uma amostra do que é e do que vale este livro, como usam fazer os criticos inglezes. Se ainda o não leram, desejo que o julguem por si.

«Apesar dos altos dotes oratorios, Garrett nunca exerceu no curso dos acontecimentos politicos uma decisiva e manifesta influencia. Tal é quasi sempre a sorte dos talentos eminentes, nos tempos sem grandeza e sem gloria, em que o governo e a direcção das sociedades se adaptam por venerado privilegio ás turgidas ambições da mediania. Por um lado os homens praticos propenderam affincadamente a desconfiar d'aquelle grande espirito, que ora parecia leviano e frivolo, ora os assombrava com idéas e affectos, que elles nem sequer comprehendiam. Por outro lado o poeta, absorto muitas vezes nos pensamentos da suprema e ideal belleza, nem sempre soube arredar estorvos, poupar agravos, esmorecer invejas, prevenir suspeitas, tolerar preconceitos, ostentar programmas, affagar ambições, satisfazer vaidades, reverenciar supremacias, atrair numerosa clientela e dirigir assim em seu proveito a formidavel corrente da opinião. O ter sido ministro foi para elle um peso, uma fadiga, um labéo, e talvez uma das causas que mais contribuíram para se lhe abreviar a existencia.»

Passados nove annos, isto é, em 1889 appareceram as *Viagens na Galliza*. Silveira da Mota sahira de Lisboa na primavera de 1886, e o livro que depois entregou á publicidade é o registro singello, quasi intimo, mas animado, das impressões que foi recebendo nas suas jornadas, de terra em terra, n'essa formosa provincia de Hespanha. Porque não foi antes a Londres ou a Paris, ao Rheno e á Italia, dil-o elle logo no primeiro periodo das *Viagens* :

«Visitem outros as capitaes florescentes dos grandes imperios, as ruinas das formosas cidades, que o decurso dos tempos devastou; eu d'esta vez só posso peregrinar á quem dos Pyreneus, em pobres, humildes terras que os viajantes desdenham.»

Esteve em Vigo, Pontevedra, Villa Garcia, Santiago, Corunha, Lugo, Orense, Ribadavia e Tuy, e de tudo fez chronica minuciosa, mas não em muitas palavras, porque um dos merecimentos do auctor e, portanto, dos seus livros, é a maxima, a difficillima concisão. Em Pontevedra recebeu a noticia do nascimento do filho posthumo de Afonso XII.

Referindo-se aos festejos que então se realisaram, acrescenta o auctor :

«Apesar das saudações estrepitosas, em que tumultuar de incertezas estará a terna e santa mãe? Presente-se facilmente que dois sentimentos oppostos a dominam, o jubilo e o terror, como se metade da sua alma vivesse só no presente, e a outra metade anteviesse as tempestades do porvir. A lisonja dos cortezaões, as monstruosidades da etiqueta, as manifestações da politica affiançam ao filho dilectissimo o esplendor, o renome, o throno, mas quem sabe a que infortunios lhe está destinada a existencia?»

Teve então a boa sorte de encontrar um patrio illustre, Guerra Junqueiro, a quem no seu livro faz um comprimento muito amavel, que exprime bem o contentamento de

...encontrar gente amiga em terra extranha

como disse Camões.

As *Viagens na Galliza* foram recebidas com alvoroço e vivo applauso tanto pelos nossos criticos como pelos do visinho reino.

O OCCIDENTE n.º 423, de 21 de setembro de 1890, deu em toda a sua extensão o artigo que a esse respeito publicou no *Libre Pensamiento* o bem conceituado escriptor Giner de los Rios. Escusado é, portanto, repetil-o n'este logar.

Tambem o sr. D. Juan Valera, escriptor muito notavel, e um dos prestigiosos talentos do seu illustrado paiz, deu na *Espana Moderna* uma excellente apreciação das *Viagens na Galliza*, occupando-se exclusivamente d'este livro n'um largo artigo em que demonstra a elevada, a entusiastica consideração em que tem o auctor.

Emfim, entre muitos juizos criticos com que quasi todos os escriptores valiosos do nosso tempo e do nosso paiz festejaram o apparecimento d'este formosissimo livro, não resisto a mencionar especialmente o artigo do meu dilecto amigo Alberto Pimentel, que, depois de affirmar que «Silveira da Mota é um mestre, mesmo quando simplesmente se dá ares de *touriste*» aconselha que se adoptem as *Viagens na Galliza* para leituras nas escolas, não só porque as creanças, lendo esse livro, tomarão gosto á lingua portugueza, mas ainda porque isso teria a vantagem de ir chamando a attenção da gente moça para uma região a que tan-

tos laços historicos prendem a nacionalidade portugueza.

Muito mais poderíamos dizer do homem eminente a que nos temos referido. Todavia, o que ahí deixámos escripto com sincera convicção é já sufficiente para se aquilatarem á justa os seus grandes dotes intellectuaes, e a excellencia do caracter que resumbra de todos os actos da sua vida.

Alberto Telles.

A FLAMENGA

CARTA AO EX.^{mo} SR. CONSTANTINO EDUARDO MOREIRA DE SÁ

Meu caro Constantino

Arribado n'este porto e com avaria grossa no costado que me não deixa seguir viagem, lembrei-me agora de te contar n'algunhas cartas as mais notaveis impressões das minhas interessantes viagens pelo *Mar Roxo* onde naveguei como sabes muitos annos, e donde vim com o conhecimento profundo de todas as correntes e de todos os baixos.

Começarei por um sitio em que tu decerto nunca ouviste falar porque não vem em carta alguma até hoje conhecida e se chama *A Flamenga*.

Um grande poeta que eu muito amei, chamava á Flamenga a gruta encantada do Nirvana, a antecâmara do Eldorado; o velho lobo do mar que ha muitos annos é o capitão d'aquelle porto chama-lhe na sua pittoresca linguagem de marinheiro o *mais terrivel baixo de todo o oceano Alamazon*, eu chamar lhe-hei o *cabo tormentorio* de toda aquella navegação.

Em occasião de borrasca, affirmo que não ha barco que se agunte com aquelle mar; ou tem de *correr com o vento* ou vai irremediavelmente a pique.

Muitas vezes me succedeu,—apesar da minha longa experiencia e conhecimento d'aquelles perigos — julgar que podia passar de noute, incolume no meu excellente barco de navegação costeira, e vel-o de repente prestes a sossobrar porque n'aquellas paragens o tufão enovella-se inespereadamente.

Occasiões ha em que ao ouvir o signal de alarme do capitão do porto nenhum barco tem o tempo de fugir e deve considerar-se perdido se não tiver uma construcção excepcional, pela difficuldade que alli se encontra sempre em *metter de capa*.

Só em tempo de calmaria, como por exemplo nas noutes quentes de verão, em que os vendavaes são menos frequentes, qualquer barco pequeno pode sem tanto perigo atracar á gruta.

Eu já tenho visto pequenos escaleres de recreio a navegar n'aquellas aguas como quem passeia n'um lago levando a seu bordo gente nova e pouco experimentada, e conseguirem voltar sem lhes haver succedido o mais pequeno desastre.

Em todo o caso isto é raro e aconselharei sempre que se não afoitem e se não esqueçam de que, por melhor que esteja o tempo, a navegação em barcos pequenos é sempre alli uma temeridade.

E comtudo como se comprehende bem a tentação irresistivel de visitar tal recinto, que é tudo o que ha de mais phantastico, mysterioso, inspirador e sublimemente poetico.

A entrada é ampla com uma bella escadaria de marmore ladeada de flores e trepadeiras.

Segue-se-lhe um soberbo pateo gradeado.

É o logar reservado ás aves sagradas.

O peru e a gallinha que são sempre immoladas nas grandes festas, a perua deante da qual toda a gente que alli entra se curva respeitosa; e o gallo, o *clarim da madrugada* como lhe chamou Shakespeare, e que é o unico relógio d'aquella mansão.

Atravessando este pateo estamos finalmente na Flamenga.

Por effeitos magicos de combinação de sombras a principio desagradada, porque parece estar envolvida n'uma densa escuridade.

Depois vae-se phantasticamente illuminando, vão se descobrindo os mais formosos estalactites, crystallizações finas e delicadas como teias de aranha e apenas se bebem mais uns copos da milagrosa agua que escorre abundante de todas as paredes, a gruta completa a sua illuminação, e os olhos acham-se mergulhados no deslumbramento d'uma verdadeira orgia de luzes.

Sente-se então o desejo de ficar alli eternamente, haurindo em demorados tragos os sonhos voluptuosos do infinito e a poesia arrebatadora e vibrante da mocidade.

A sahida é que se torna sempre perigosa, porque as pedras lisas que á entrada estavam dispostas com os mais severos preceitos da architectura, desloca-as mão desconhecida e oscillam de tal maneira que parecem fardos de cortiça em fluctuação.

O inexperiente que n'ellas collocar um pé, resvala fatalmente no abysmo.

Diz a lenda que é o genio do mal, que habita aquelles logares, que se vinga assim dos que teem a ousadia de entrar no privilegiado recinto.

Ha só um meio de não cair conhecido até hoje e este é descer assentado agarrando se aos degraus ou ao braço forte d'algun experimentado guia.

Na primavera as andorinhas vão fazer ninho na parte mais elevada da gruta

N'um anno em que já se extranhava a sua ausencia, o Diogenes¹ foi alli uma noute. Aquelle sublime Diogenes que tu muito bem conheceste, e que, se tivesse lanterna como o Diogenes Laercio, seria para andar cá na terra á procura d'um inimigo.

O Diogenes, de pé, no meio da gruta, empunhando a taça magna, dissertava eloquentemente sobre os esplendores das antigas civilizações.

De repente viram se dentro da taça umas cousas brancas vindas do tecto.

Um dos circumstantes perguntou :

—Serão as perolas de Cleopatra?

O Diogenes olhou para cima fazendo uns gestos de duvida, depois examinou com attenção o conteúdo da taça e respondeu serenamente, com aquella fina graça persuasiva, de que só elle tinha o segredo :

—Não. São as andorinhas que chegaram.....

Meu amigo, vou acabar esta carta porque me é impossivel continual-a n'este momento.

Que diabo! Depois que te contei o episodio das andorinhas, sinto aqui aos cantos dos olhos alguma cousa de mais que ao principio não tinha, e parece que os tenho pregados alli no infinito.

E' que, meu bom Constantino, com saudades não se brinca e, eu, por mais que faça, não posso agora deixar de estar pensando por algum tempo n'aquelle infeliz Diogenes que tu e eu tão idolatramente amámos.

Libanio Baptista Ferreira.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 565)

V

«Conhece-se seu odio com evidencia em que, como elle pretendia, tornou a França com o doutor Luiz Pereira de Castro,¹ e, vendo que, se eu lá estivesse, lhe seria de impedimento a sua ambição insaciavel, me quiz arruinar, ainda que contra sua consciencia; porque se fóra zelo da fé, devia dizer o que de mim sabia, quando logo cheguei a este reino, e não cinco mezes depois. E, se elle vae a França, d'ali passará a Roma, que é o que tanto deseja, como já pretendeu, estando com o marquez, para livrar-se do habito que traz, ou alcançar bullas para ter pensões com que sustentar quem elle quer e ama, como é publico.

«Não falo em lhe haver emprestado em França três dobrões e haver-lh-os pedido n'esta cidade pelo mez de Agosto com algum enfado, porque o referido basta para que se conheça o odio que me tem e que eu lhe perdôo de todo meu coração, para que Deus se lembre de minha miseria.

«Outro meu inimigo mortal é um Jorge de Sousa da Costa, que foi alcaide n'esta cidade, porque foi um dos da primeira conjuração do jantar de S. Germão; a que se acrescentou haver eu dito d'elle tinha parte de christão-novo, como é notorio. E ultimamente estando eu com o marquez de Niza na cerimonia de dar o habito de Christo ao filho de Viole d'Athis, que morreu na tomada de Salvaterra, e vendo o dito Jorge de Sousa como o abba de do convento de S. Germão de Pariz

¹ Guimarães Fonseca.

Aqui ha engano, porque Luiz Pereira de Castro não chegou a partir para França, para onde já antes de 26 de Novembro de 1649 estava nomeado embaixador ordinario. Se é verdadeira a data da sua morte (29 de Dezembro do dito anno), conclue-se das palavras de Villa-Real que este escreveu a memoria que vamos extractando antes d'ella; e que, dando-se aquelle acontecimento, a não emendou na parte correspondente, ou por estar preso e ignoral-o, o que é mais provavel, ou por desconfiar, embora a entregasse á Inquisição um mez depois, a 24 de Janeiro de cincoenta.

Em 26 de Janeiro, dois dias depois de apresental-a ao Santo-Officio, já estava nomeado para substituir Luiz Pereira de Castro na embaixada de França Sebastião Cesar de Menezes, bispo eleito de Coimbra, nomeação que ainda não se verificou, mas sim a de Francisco de Souza Coutinho. Em todo o caso, o que se vê é que Villa-Real o suppunha ainda vivo, pois diz quasi no fim da memoria: «tenho por sem duvida que sua negociação será de grande utilidade» etc.

fazia caso de mim na livraria em que estávamos, porque me conhecia, se começou a rir e zombar, de que eu enfadado me cheguei a elle e lhe disse que o aguardava no campo para lhe mostrar de quem se zombava. E, porque elle não quiz sahir ao desafio, eu o desacreditei de covarde, e disse aos criados do marquez o que passava para envergonhal-o. D'isto sabe o marquez que estimou muito o que eu fizera, porque n'aquelle tempo lhe estava pouco affecto por seus vicios e sahir de noite fóra de casa; e o sabem tambem frei Antonio de Serpa, Miguel Botelho, Fernão Marinho, José Henriques e todos os mais, porque foram e são coisas publicas.

«Para vingar-se de mim se fez amigo de Simão Lopes Manuel e de Diogo de Pereda, que sabia eram meus inimigos declarados, communicando-se com elles por cartas, e quando foi a Ruão, aonde esteve pousado em casa de Francisco Rodrigues Lobo, como ja disse.

«Outro inimigo meu é Alonso Lope mourisco expulso, que vive em Pariz, e declarado castelhano, e contra Portugal em tudo o que pode; por cuja causa, tendo eu noticia no anno de 1643 ou principio de 1644 que elle dizia da rainha e cardeal algumas familiaridades indecentes, dei d'isso conta ao conde da Vidigueira pedindo-lhe licença para que o arruinássemos. Elle o estimou muito, porém, faltando uma testemunha que lh'o foi declarar, tive com elle sobre esta materia grandes duvidas e cheguei a dizer-lhe que lhe havia de dar de punhaladas, se me não dissesse quem lhe havia dito semelhante coisa; elle houve por bem de o dizer; e desde aquelle tempo ficamos inimigos declarados. Sabe d'isto o conde da Vidigueira e Antonio Moniz de Carvalho, que me fez queixa de eu lh'o não haver comunicado, porque elle o houvera arruinado.

«Outro inimigo é Simão Lopes Manuel, homem de natural perverso, e que com capa de christandade tem feito infinitas maldades e processos todos injustos. Com este homem não falei em minha vida mais de três ou quatro vezes, e a ultima haverá sete annos, vindo elle de Portugal, onde esteve preso no Porto, dizem que por espia. A causa d'este odio é haver-me feito uma traição, abominada ainda de seus amigos e sequazes, porque, sendo eu juiz arbitro de certas duvidas, que havia entre Diogo de Pereda e outros, para acordal-os na pretensão de uns fardos de Ruão, elle foi o que serviu de medianeiro, dizendo que não era justo recusar-me uma coisa que eu tinha julgado; e ao mesmo instante foi fazer embargo nos ditos fardos. Eu me queixei d'este modo de proceder; e a que elle respondeu que se lhe não dava de mim, sendo que elle foi o que me veio buscar para dizer-me que era meu servidor e que me conhecia por reputação e escritos, e que desejava occasiões de servir-me. Enfadado eu de tão ruim termo, levei a causa a Pariz e n'ella alcancei sentença, em que Simão Lopes foi condemnado em duzentos mil réis de custas pelo injusto embargo; e nunca mais lhe falei nem de chapeo.

«De seus procedimentos podem dar noticia Duarte Dias de Lisboa, morador n'esta cidade, que me disse lhe devia muita fazenda, sem lhe querer dar conta d'ella; João Garcia de Luares, que foi com o marquez de Niza e andou com elle em demanda três annos, até que alcançou sentença contra elle de fazenda consideravel que lhe negava; Christovam Fernandes da Rocha; e todos os francezes de Ruão que lhe chamam o demandão injusto.

«Não falo em Paulo de Lene, nem em Diogo de Pereda, porque todos três são um composto para todos seus intentos, a que ajuntaram um francez chamado Gueneite, que foi caixeiro de seu cunhado Diogo da Fonseca de Olivado, se bem, como já disse, Diogo de Pereda foi cabeça de bando contra mim no consulado.

«D'esta inimizade sabem o marquez de Niza e Antonio Moniz de Carvalho, ainda que se congratia com elles com avisos de grande christão e com mandalhe presentes de doces pelas festas; o residente Christovam Soares de Abreu e outros muitos, alem dos referidos.

«Outro inimigo é Francisco Fernandes Martins, irmão de minha mulher, porque, vindo elle de Madrid no fim do anno de 1647, quiz tomar á outra sua irmã viuva quatro ou cinco mil cruzados, de cujos redditos se sustentava, e havendo-lhe já dado duzentos mil réis, me escreveu quizesse ir a Ruão impedir aquella violencia de seu irmão, o que eu fiz; e por este respeito viemos a mais que palavras, de que nos não falamos; e ficava em Ruão ao tempo de minha partida. Esta jornada a Ruão foi segunda feira da Semana Santa de 1648; e me tornei a Pariz, passada a Paschoa.

«Declaro que com o doutor Antonio Moniz de Carvalho tive em Pariz algumas differenças, e ainda que depois nos fizemos amigos, darei d'ellas noticia, pelo que pode succeder. Pelo mez de Maio ou Junho do anno de 1643 me communicou dito Antonio Moniz certo discurso breve que tinha feito, e por me parecer que o assumpto era digno de publicar se, lhe disse o augmentasse; e para isso lhe dei dois ou três livros de que podia valer-se. E porque eu fui n'aquelle tempo dar liberdade aos portuguezes, quando vim o achei doente, e me deu o que tinha escrito, pedindo-me o visse, para se imprimir. Fiz o que me ordenou e o comecei a imprimir. E, como os criados do marquez de Niza andavam buscando occasiões em que malquistassem a todos, tomaram d'aqui motivo para dizerem que o livro era meu, em odio a Antonio Moniz; e em meu odio lhe fizeram dizer que eu dizia que havia feito o livro; de que resultou que Antonio Moniz; me pediu um dia lhe desse um escripto meu, em que declarasse que o livro era seu e que eu havia só assistido na impressão d'elle. E porque elle queria que eu dissesse no escripto algumas palavras affrontosas, tivemos sobre isso palavras, e lhe dei o escripto na forma que a mim me pareceu conveniente, porque de verdade o livro era feito por elle. Conheceu elle depois d'onde isto pro-

cedera e ficamos correndo em amisade, como d'antes; e flo eu tanto de seu bom natural, que me atrevo a dizer estarei por tudo o que elle de mim disser. O livro é *França interessada com Portugal*.

«E conhecendo eu que nos ministros d'este Santo Tribunal se deve falar com todo respeito e reverencia peço humildemente licença a Vossas Senhorias para dizer o que sinto do doutor Luiz Pereira de Castro, por haver achado n'elle dez ou doze dias antes de minha prisão uma vontade e estimação muito contraria ao que sempre n'elle tinha experimentado. Entendo deve proceder de que se lhe diria o que eu havia dito, quando foi de sua eleição para embaixador, que é o que se segue.

«Perguntou-me certo ministro o que me parecia do doutor Luiz Pereira de Castro, e foi com tanta instancia, que eu disse, levado do zelo do serviço da patria, que me não parecia acertada por muitas causas.

«1.^a Por ser coisa impropria mandar a um ecclesiastico letrado a tratar soccorros e negocios de guerra.

«2.^a Porque, havendo de ir, era necessario dar-se-lhe titulo de bispo para ter auctoridade.

«3.^a Pelo odio que tinha com elle monsieur d'Avaux, e que seria de damno, no estado em que estava França.

«4.^a Porque 300.000 réis cada mez não eram bastantes para sustentar-se com luzimento, sem gastar de sua fazenda, o que elle não havia de fazer.

«5.^a Por seu natural violento, de todo contrario ao humor dos francezes e dos que com elles hão de negociar.

«6.^a Por levar consigo uma pedra d'escandalo, coisa abominavel n'aquellas partes, e que já lhe havia sido de grande descredito em Munster.¹

«De sorte que eu a não approvava; e d'isto poderá dar noticia Pantaleão Figueira; e não nomeio o ministro por não ser necessario.

(Continúa).

RAMOS-COELHO.

O SR. MANOEL DO JALECO

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A Caetano Alberto

VIII

— Então, Manoel, que novas me trazes? — perguntava arrastadamente o dr. Andréinho ao seu compadre, esfregando as mãos, e com o rosto presenteiro com que se acolhe um amigo. Senta-te. Eu bem sei que vieste a cavallo e o cansaço não ha de ser muito, mas não gosto de ver de pé deante de mim se não os meus creados. Vieste acompanhando o carro. O que trouxeste?

— Trouxe o vinho para o sr. Almeida.

— O boticario? Fizeste bem, que elle já me tinha dito que o esperava. Com aquella gente é bom estarmos de boas avenças, por causa das doenças — como diz cá o nosso prior.

— É além do vinho tambem lá vem outra encomenda, e essa é para o sr. doutor.

— Para mim?

— Sim, senhor, para o meu compadre. Talvez seja depois tambem para outras pessoas, mas, por ora, é só para o snr.; e depois o snr. dirá o destino que se lhe ha de dar.

— Homem, desembucha lá com isso. Estás assim com os modos de quem engoliu um marmello, e o tem atravessado nas goellas!

— Elle, a fallar verdade, não anda longe d'isso, que elle não é mau marmello, e até é certo que já hoje o provou, e quem lh'o deu a provar fui eu.

— Bem digo eu, Manoel. Isso é alguma adivinhação. Se é — já te digo que as massadas estão prohibidas. Leva essa para o Almeida, que elle dá o cavaquinho por uma charada.

— Ora chá tem elle lá muito na botica! O caso é outro, sr. compadre.

— Então rebenta para ahi com isso. O que é, finalmente?

— Lá vae. Trago ali o homem.

— Qual homem, Manoel? Estás-me intrigando, e João André confiava a barba, e na physionomia attenta lia-se-lhe a curiosidade.

— Eu de intrigas é que não sou. Então o meu compadre não adrega o que é que eu lhe trago?

— Não, e renão! Desembucha por uma vez.

— O homem que saltava o muro.

— Ta, ta, ta. Então apanhaste-o, hein! Calu o lobo na ratoeira finalmente. Já não era sem tempo. Ainda bem, agora estás descansado.

— Isso de descansado é um modo de dizer; quem tem casa, tem cuidados. Mas é que o caso ainda não está limpo.

— Como não está! Tu agora, já se vê, que o trazes prezo, para o entregares á justiça: é o que tens a fazer, e o que te convem para escarmento d'outros.

— Pois ahi é que está o ponto. Elle cairá nos ferros d'el-Rei, mas nanja eu que lh'o vá entregar.

— Então porque?! É teu amigo, teu parente, tens medo d'elle?

— Não é nenhuma d'essas coisas — nem amigo, nem parente, nem medo. Eu lhe digo, compadre, como o caso se passou.

E Manoel Jaleco narrou com todos os pormenores os incidentes do lance, a que o leitor já assistiu, até ao ponto em que o desconhecido se desmascarou, dizendo quem era. Ao ouvir o nome do Simão Contrabandista João André abriu muito os olhos, e deu um assobio muito prolongado.

— Conhece o, compadre? perguntou o Jaleco.

— Se conheço! Isso é um menino. Não é só contrabandista, é matador.

— Bem sei. Elle contou-me tudo. Como já não tem nada a perder, veio dizendo-me pelo caminho, como tinha sido a morte que fizera, e outras coisas, que até me metteram tristeza. E tanto é que eu mudei de tenção, e venho pedir-lhe para lhe fazer o curativo, e depois elle que fuja, que se vá com Deus ou com Satanaz...

— Tu estás doido — Manoel!

— Não, senhor, nunca estive mais no meu juizo. Mas entregá-o eu á justiça, isso é que nunca! Juro-lhe por alma de meu pae, que Deus tem. Nunca tal farei!

Assim como ha almas essencialmente perversas, ha outras essencialmente boas, tão inacessiveis ás suggestões do mal, que não ha no mundo força capaz de as fazer desviar uma linha do trilho do bem. Aos que são assim, ainda quando não receberam educação de especie alguma, parece que a virtude os ilumina, e lhes desfaz os sophismas tenebrosos com que ás vezes o vicio veste e encobre, aos olhos dos simples e dos ignorantes, os actos mais torpes, os crimes mais hediondos. Manoel Jaleco era um d'estes homens sinceros, honrados, absolutamente bons.

O doutor André olhava para elle espantado. Nunca o julgara capaz de o impressionar, a elle!

— Anda cá, homem. Então esse saltador entra na tua casa, insulta-te, tenta matar-te, e mata-te, se tu não fosses mais valente do que elle, e agora tu, depois d'isso, e de saberes pela sua propria bocca que elle anda fugido por uma morte que fez, queres dar-lhe fuga! É extraordinario isso que queres fazer! Não, não estás em ti, Manoel. Eu curo-o, vamos já a isso. Onde está elle? E João André levantou-se. — Curo-t'o, mas, depois de curado vae para a cadeia. Olé, que vae! Do ceu lhe venha o remedio.

— Desculpe o compadre o eu não respeitar a sua palavra honrada, mas eu... mas a mim parece-me que seria o mais reles, o mais vil dos homens, se fosse entregar o Simão á justiça! Foi elle que se veio metter nas minhas mãos — não fui eu que corri sobre elle; — eu não sabia nada da sua vida, foi elle que m'a contou... E eu hei de ir accusal o, e dizer: Aqui está o homem que matou — prendam-o! E elle vae para a Africa por toda a vida, e os filhos, que elle tem quatro como eu, ahi ficam aos paus, sem culpa nenhuma, a pedirem esmola, mais a mais cheios de fome... Não, senhor, eu não quero ficar com um peccado na consciencia... deshonrado para toda a vida! Não. O meu compadre ha de me fazer este favor. É um favor que faz á minha alma... Não sei se me entende... porque, se tal acontecer, eu sou uma alma perdida!... Se tal me acontecer, olhe, meu rico compadre, elle a ser preso, e eu a ir a Quadraes á busca da mulher, e a trazer-a, mais os filhos, lá para casa. São cinco bôccas a mais, mas, paciencia, ha de haver uma fatia para todos. E não ha nada como o socego da nossa alma.

— Dá cá um abraço, Manoel. Ainda ha homens...

— e João André voltou a cara, para esconder a commoção. Eu bem sei que és capaz de o fazer, mas não ha de ser preciso. Vamos lá ver o homem, e depois d'uma pausa o doutor acrescentou: — Sempre te digo que elle saltou na tua quinta com o pé direito; deu contigo, porque, se fosse com outro, a estas horas estava abacellado.

— É que eu tinha-o já na frente, e ainda me estava a lembrar da sua recommendação: — Olha Manoel, não mates o homem.

Feito o penso da fractura, que era simples, voltaram para almoçar. Nunca os guisados sem pretensões da sua cosinha rustica tinham parecido a João André tão saborosos, e o cavaco dos melhores conversadores dos hoteis de Lisboa e do Porto

¹ A cujo congresso fóra nomeado ministro plenipotenciario, mas onde nunca fóra recebido, pelas intrigas e influencia de Hespanha.

achava-o pallido ao pé do modesto e familiar dialogo travado com o seu conviva.

A despedida o doutor pegou em meia duzia de charutos:

— Toma lá. E tua mulher, quando te vir de charuto na bôcca, pode dizer-te, sem mentir, que são fumaças de valente.

— Adeus, compadre. É o melhor dia da minha vida este. Quando entrei aqui trazia o coração pequenino como isto. Obrigado, muito obrigado — e abraçou-se ao outro a chorar.

D'ahi a pouco os jornaleiros que se cruzavam com elle, e que o viam bem montado, ao lado do seu carro, de charuto na bocca, rosto alegre, saudando-os, e cantarolando pela estrada fora, diziam uns para os outros:

— É o Jaleco. Amanha-se bem

— Ora, aquillo vae n'um sino!

— Bom negocio fez elle. Vae cantando!

Não lóra bom negocio, foi mais do que isso, foi uma boa acção.

Quando chegou a casa Maria Domingas esperava-o ansiosa, e apenas de longe o viu correu para elle.

— Já principiava a estar com cuidado em ti. E então, ficou preso?

— Não o entreguei á justiça. Mudei de tenção. Lá o deixei nas mãos do compadre — e Manoel fez um signal á mulher.

D'ahi a pouco, na adega, Maria Domingas ouvia da bocca de seu marido a narrativa da vida do contrabandista, como este lh'a contara, e todos os mais pormenores do que se passará n'aquella manhã.

— E agora, depois de curado? perguntou ella.

— Que fuja, que procure a sua vida. O resto é com elle e com Deus, que é pae de misericordia.

23 — janeiro de 1894.

Zacharias d'Aça.

VID' AIRADA

POR ALFREDO MESQUITA

Aqui temos um novo, possuidor de um nome com segura cotação, no mercado litterario.

E' um novo, Alfredo Mesquita, que vale bem meia duzia de velhos.

A sua obra *Vid' Airada* é dividida em tres partes: *Na terra das alfices, Fulanos & Cicranos e Cartas aoertas*.

A primeira parte é a de maior estudo. A ironia é caustica, a observação fundada em são criterio; *Os serões grotescos* são horriveis de verdade. Muita gente verá na obra de Alfredo Mesquita sómente um ataque directo, um bote fundo, na desgraçada burguezia nacional...

Não é.

Alfredo Mesquita o que faz é levantar a ligadura e mostrar, na ferida, a parte que já vae gangrenada.

E' insuportavel o cheiro, é repugnante á vista... mas como ha de o cirurgião curar?

Ha momentos em que a espinal-medula freme n'um arranco de terror!... é quando o auctor da *Vid' Airada* mette a sonda, até á parte ainda sã, e nos mostra sorrindo a extensão do mal.

Como o Democrito que ria do que cáusava dor, Mesquita, com uma singular coragem e com uma rapidez que assombra arranca o *chinó* ao circumspecto conselheiro mostrando nos a calva suja, casposa. De repente, abre nos as portas interiores de uma casa onde ha uma *soirée* para ser cantada no *Carnet mondain* ou no *high-bife*, e mostra-nos os trastes accumulados uns por cima dos outros em casas escuras. Os homens de casaca, as senhoras vestidas de seda... mas não ha um trem á porta! E tudo aquillo tem de ir a pé para casa, amarrotado, sujo, cansado, aborrecido, estúpido, para no dia seguinte continuar a mesma vida posita, efemera e de expedientes!

A familia é um parlamento constitucional, estão todos juntos mas não se podem ver uns aos outros, quer dizer tem-se mutuamente um cordial rancor.

O amor do paiz, a ideia querida, santa, da estima avára pela Patria... isso existe apenas n'aquelles que não teem quasi de comer, e não pedem esmola por vergonha...

A Patria! o que significa isso para quem só a conhece para a vender a retalho.

O homem trabalhador, honesto, em Portugal, não passa do *Amigo André* de Alfredo Mesquita. *Jornaes jornalistas* tudo miseria, tudo pelintra tudo a contar os dez réisinhos, tudo sem alma, sem pujança, sem vôo, incapaz de iniciativa propria, e sempre atido, ao outro, que produz, ao que au-

fere incontestaveis lucros,—este outro é sempre o estrangeiro.

*

Na parte seguinte, a intitulada *Fulanos & Cicranos*, ha um trecho admiravel referido a Trindade Coelho.

Mão feita, espirito forte, sereno, fleugma teutonico, não tendo nunca fraquezas, Trindade Coelho, é no nosso meio um modelo a apontar.

E' costume dizer-se quando a figura accusa o valor da pessoa...

— Com meia duzia assim ainda se fazia alguma cousa; Alfredo Mesquita, até agora conta só um e é o auctor dos *Meus amores*.

Eu tambem vou começando a contar:

— Alfredo Mesquita... dois!

*

A terceira parte *Cartas abertas* são impressões de viagem, Andaya, altos e baixos Pyreneos e Paris.

A parte referida a Pau é uma das mais brilhantes e em que a graça do auctor, moço, sangue quente, joga elegantemente com as referencias historicas...

Emfim, Pau habitou o travesso béarnez, o bom Henrique, e não admira o calor com que o nosso collega descreve a *mignonne Celeste*.

Henrique IV deixou ali, n'aquelle ceu de humido azul, bastante ambiente para sustento dos amorosos de todo o mundo...

Manoel Barradas.



REVISTA POLITICA

Não foi das mais escaças em acontecimentos a ultima dezena, desde o decreto sobre os vinhos e azeites adulterados ou falsificados até á nova recomposição do ministerio não incluindo o fallecimento do sr. Conde de Paris, que veio pôr de lucto a familia real portugueza, ferindo da mais pungente dôr o coração da augusta princeza, que hoje partilha o throno de Portugal, a Rainha Senhora D. Maria Amelia.

Alguns momentos de respeitoso recolhimento ante as lagrimas de uma filha que chora a perda irreparavel de seu querido pae, que n'esta columna reservada para noticiar os factos politicos da dezena, tambem ha lugar para a nossa homenagem, ainda que humilde, á dôr de uma Rainha.

E dados os nossos pezames á augusta Senhora, passemos a dar conta do mais que tem occorrido principiando pelo mencionado decreto sobre os vinhos e azeites adulterados ou falsificados, com que o sr. Carlos Valbom se despediu do ministerio das obras publicas e passou para o dos estrangeiros, com a mesma facilidade que uma pessoa entra no elevador da Gloria, na Avenida e sobe até S. Pedro de Alcantara.

Ainda esperamos vel o presidente do conselho com um ministerio formado dos seus intimos, ainda esperamos, e depois que digam se não é d'aquella massa que elles se fazem.

Mas vamos aos vinhos e azeites.

Pelo que se lê na maioria dos jornaes e pelo que se bebe ahi por essas tabernas, andam de ha muito adulterados os vinhos e azeites postos á venda, e o escandalo chegou a tal ponto que as medidas de rigôr se tornaram necessarias, para pôr cobro aos envenenadores da saude publica e ladrões do pobre consumidor.

Não podemos, porém, deixar de notar que para pôr cobro a tão grande desaforo fosse preciso um decreto especial, quando o caso está previsto no Codigo Penal, em vigor ha quasi meio seculo.

Todas as penalidades impostas pelo decreto aos falsificadores de vinhos e de azeites são as mesmas do Codigo, e por isso não comprehendemos lá muito bem todo o espalhafato que se fez com o decreto, que de resto é de esperar se cumpra tanto como se tem cumprido o referido Codigo n'este ponto.

E como se hade cumprir um ou outro se para isso falta o principal, que são os laboratorios officiaes onde se façam as analyses dos generos falsificados?

Foi isto que esqueceu ao joven legislador e aos satelites do seu astro, que se desentranharam em louvores por tão acertada medida.

Nós não duvidamos do acerto do decreto por que contenta gregos e troyanos. Contenta o publico, a eterna creança, que ingenuamente acredita no providencial decreto, e contenta os falsificadores que poderão continuar impunemente no seu honrado negocio porque a lei não tem meios de se cumprir.

Já vêem que este joven vae longe e sabe o caminho que tem a seguir para chegar onde quer.

Popularidade já lhe não falta e quanto elle é conhecido de mais, tanto conhecido de menos é o sr. Campos Henriques que acaba de o substituir na pasta das obras publicas.

Effectivamente toda a gente, em Lisboa, andou, nos primeiros dias da recomposição ministerial, a perguntar uma á outra quem era o novo ministro das obras publicas, e nós não fomos dos menos curiosos nem dos mais felizes n'essa empreza, apesar de todas as esculcas que deitámos.



CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES

NOVO MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Por fim valeu-nos o director d'este periodico, que nos mimoseou com o retrato do novo ministro das obras publicas, para aqui o estarmos n'esta revista, e tivemos então o prazer de conhecermos a sua phisionomia phisica, emquanto não sabiamos da sua phisionomia moral.

D'esta soubemos pelo que as folhas governamentais principiaram a contar do novo ministro, que deixou o seu logar de governador civil do Porto para sobraçar a pasta das obras publicas.

O *Diario Illustrado*, por exemplo, diz que o sr. Arthur Alberto de Campos Henriques é «um dos homens mais intelligentes, sympathicos e trabalhadores incansaveis da moderna geração» — Este final faz nos lembrar o final d'uma quadra do *Sebastianista*.

Diz mais o nosso collega que o sr. Campos Henriques se formou, ainda muito novo, em 1874, na faculdade de direito, e foi, pouco depois, nomeado delegado do Procurador Regio, nas comarcas de Guimarães e Braga. Promovido a juiz, serviu no tribunal administrativo da capital do Norte e encontra-se actualmente na segunda classe, na comarca de Villa do Conde.

Entrou na politica activa em 1890, sendo eleito deputado da opposição em 1892 pelo circulo de Pinhel. Governou interinamente o districto do Porto durante o segundo ministerio do sr. João Chrysostomo, passando á effectividade desde a subida ao poder do actual governo.

Foi um estudante distinctissimo e como homem é um caracter puro sem mancha.

Isto diz o nosso citado collega, corroborado por outros collegas tambem.

Quanto a nós, se fosse vivo o nosso amigo Leite Bastos, que tinha tanto de talentoso como de excentrico, e nos perguntasse, como era seu costume quando alguém só dizia o que diziam os outros: — E tu o que dizes? Nós responderiamos muito alvarmente: — Nada.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.^ª